



OPCM

Organização Pacificadora de Conflitos Mundiais

“Um futuro distópico: as possíveis causas e implicações de um novo conflito mundial.”

Vinícius Odair Corrêa

Kevin Silveira

Márcio Vinícius Oliveira

SUMÁRIO

1. Carta aos delegados.....	03
2. O Comitê.....	04
2.1 A fundação.....	05
3. O mundo em conflito.....	06
4. Temas.....	12
4.1. Subtemas.....	13
5. Posicionamento das Delegações.....	23
6. Conclusão.....	39
7. Referências Bibliográficas.....	40

1. Carta aos delegados

Saudações

Caros delegados e representantes de organizações, a diretoria geral da Organização Pacificadora de Conflitos Mundiais, criada a pouco pelas nações que desejam uma mudança na postura hostil das relações entre os países no mundo atual, convoca-os à 1º Conferência acerca do conflito mundial e suas problemáticas, a ser realizada em local secreto do continente americano no mês de novembro do ano de 2055.

Desde a revolução industrial e principalmente a partir da revolução tecnológica empreendida pelas potências mundiais nos últimos cem anos, um grande obstáculo à construção de um mundo fraterno e igualitário foi colocado à nossa frente: a busca por matérias primas, energia e principalmente o bem maior necessário a vida humana e tão escasso na atualidade: a água.

Como bem sabemos, nos últimos dez anos o mundo vem experimentando um conflito que esperávamos não mais trazer à tona. Investidas de grandes potências, esfacelamento de nações, e formação de novos blocos tornaram-se uma barreira para a construção do mundo que tanto almejávamos e que tentamos colocar em prática após o término da última Grande Guerra em 1945, com a criação da já não existente Organização das Nações Unidas (ONU). Um mundo mais sustentável, com mais igualdade em todos os sentidos e principalmente mais humano.

Porém, a ganância mostrada pelos últimos governos e grandes empresas mundiais, além do sistema econômico que adotamos contrariaram essa tendência e colocaram o mundo na situação em que nos encontramos hoje. Clamamos pelo comparecimento dos senhores nessa conferência organizada pelas nações do bloco inicial sul-americano, é urgente a busca da resolução destes problemas, para que possamos evitar mais mortes e novamente entrarmos no caminho da paz ou ao menos numa nova ordem que seja satisfatória às nações.

Destacamos a primordialidade da leitura deste guia de estudos e do debate consciente dos senhores nesta reunião, o futuro do mundo e de milhões de pessoas que sofrem está em nossas mãos, e devemos arcar com a situação em que nos encontramos, pois é nossa responsabilidade.

Atenciosamente,

Diretores da Organização Pacificadora de Conflitos Mundiais.

2. O comitê

A Organização Pacificadora de Conflitos mundiais é um órgão de mobilização internacional criado por um conjunto de nações americanas que desejam uma mudança na geopolítica mundial em meados de década de 2050. O Comitê tem como base diversos princípios, entre eles alguns resgatados da Carta da ONU, antigo regimento da Organização Internacional já extinta no tempo em questão. As decisões tomadas neste comitê são de caráter recomendatório, porém é de extrema importância que sejam acatados pelas delegações representadas, visto a situação de calamidade em que se encontram diversas nações e sua sociedade diante da problemática. Milhões de pessoas em 4 continentes do planeta sofrem diariamente com ataques aéreos em suas cidades, além de outras ofensivas de alta tecnologia. Neste comitê, os delegados representam os chefes de Estado de suas nações, e tem, por obrigação, deliberar de forma a atingir as máximas da assembleia de acordo com suas respectivas políticas externas FICTÍCIAS, que posteriormente serão apresentadas neste guia. Apresentamos a seguir, os propósitos e princípios norteadores dos senhores representantes de acordo com o contexto do período.

Propósitos

1. Desenvolver relações amistosas entre as nações, baseadas no respeito ao princípio de igualdade de direitos e de autodeterminação dos povos, e tomar outras medidas apropriadas ao fortalecimento da paz universal;
2. Ser um centro destinado a harmonizar a ação das nações para a consecução desses objetivos comuns.

Princípios

1. Todos os membros deverão resolver suas controvérsias internacionais por meios pacíficos, de modo que não sejam ameaçadas a paz, a segurança e a justiça internacionais;
2. Todos os membros deverão evitar em suas relações internacionais a ameaça ou o uso da força contra a integridade territorial ou a dependência política de qualquer Estado, ou qualquer outra ação incompatível com os Propósitos da Organização Pacificadora de Conflitos Mundiais;
3. Nenhuma decisão autorizará a Organização Pacificadora de Conflitos Mundiais a intervir em assuntos que dependam essencialmente da jurisdição de qualquer Estado ou obrigará os membros a submeterem tais assuntos a uma solução.

2.1 Fundação

A Organização Pacificadora de Conflitos Mundiais, foi fundada mais precisamente em 6 de agosto do ano de 2055, após a assinatura de um pacto de cooperação entre seus membros-fundadores, as nações do Brasil, da Venezuela, Colômbia, Bolívia, Malásia, Tailândia e posteriormente Chile, Argentina e Uruguai. Tais nações vinham sofrendo nos últimos 5 anos com ofensivas das chamadas “potências decadentes”, que em uma última tentativa na busca por matérias-primas de alta tecnologia – como Nióbio, Carbono e Lítio -, petróleo e outros recursos

naturais e humanos, lançaram mão da violência em busca de atender suas necessidades no crescente mercado de concorrência em tecnologias de ponta. A organização estabeleceu de início uma cooperação local, mas, dois meses depois, grande parte das nações mundiais, que passavam por situações de calamidade, relacionadas à fome, destruição, falta de água e recursos básicos para sobrevivência de seu corpo social, juntaram-se a elas, novamente em busca de estabelecer uma ordem satisfatória ao mundo, que enfrentava taxas de mortalidade, fome e educação tão baixos quanto cem anos antes.

É comovente se analisar a contradição com a qual o mundo foi construído até chegar a este ponto. A antiga ONU, que apresentava logo no preâmbulo de sua carta a “prática da tolerância e da paz”, e que por 103 anos sobreviveu à ganância e ao falso senso de que os países estavam realmente em busca de um período de fraternidade mundial e paz, se esfacelou em 2048, ao início de uma guerra por recursos e interesses tão pessoais e reduzidos, que não crê-se que um dia, houve a ideia de uma cooperação mundial.

3. O mundo em conflito

O cenário apresentado a seguir é totalmente fictício e baseado em informações e projeções do assunto para o período em questão.

O fim foi o início.

Com o fim da 2ª Grande Guerra em 1945, e o desenvolvimento de uma nova ordem mundial marcada pela bipolaridade, a corrida científica observada em diversos campos - como nas armas, na espacial, e nas tecnologias de ponta, - vieram para facilitar a vida dos seres humanos e desenvolver, posteriormente, uma nova acepção de progresso, atrelada firmemente à busca por recursos, matéria-prima e a criação de produtos para o consumo humano.

O mundo pós segunda guerra desenvolveu-se com bases firmes no consumo e na procura por criação e circulação de capitais, e tal fato, estimulado

principalmente pelo princípio capitalista da livre iniciativa, colocou interesses privados à frente da sociedade, a frente das pessoas, e isso foi a nossa ruína.

Com o desenvolvimento tecnológico a todo vapor, vieram os computadores, smartphones, a inteligência artificial e os mais diversos meios para facilitar a vida humana, bem como uma nova lógica consumista, que ascendeu com os meios de comunicação e a difusão de um estilo de vida próprio e idealizado. Conseqüentemente, a exploração dos recursos naturais que já era intensa desde o período da Revolução Industrial, tornou-se mister e parte essencialmente integrante das relações internacionais das nações. Todo país, ao mesmo tempo que importa os mais diversos gêneros e substâncias para uso próprio, também exporta o que tem, e isso, desde sempre, foi pretexto para organização e esfacelamento de nações, queda e ascensão de potências, disputas, e até mesmo guerras pela disputa de territórios, e mais uma vez isso se repetiu.

Como citado anteriormente, a busca excessiva por diversas substâncias, teve como grave consequência o esgotamento desses recursos naturais. O mundo, por décadas, tentou harmonizar produção e sustentabilidade, mas fracassamos. As reservas de petróleo, que em 2006 eram estimadas para durar por mais 40 anos, tendo em consideração as já descobertas até o período, hoje são um elemento tão escasso e tão importante. Os Estados Unidos da América, maior devorador de petróleo do mundo e hoje como parte das “potências decadentes” junto à China, não sobreviveu com facilidade ao declínio desse combustível e matéria-prima. Possuidor de aproximadamente 7% das reservas mundiais, tornou-se submisso às nações subdesenvolvidas que detêm abundância do recurso, como a Nigéria e a Venezuela, e vem empreendendo, numa tentativa desesperada na busca por esse elemento, uma expansão imperialista e uma postura intervencionista no continente africano e no continente sul-americano. O Canadá, que sempre desenvolveu relação amistosa com a nação estadunidense, e foi, por um tempo seu maior fornecedor de petróleo, hoje está com relações enfraquecidas ao passo que se tornou, após o início da guerra, uma das maiores potências mundiais.

A escassez petrolífera implicou no desenvolvimento de novas formas de obtenção de energia, entre elas a nuclear e a solar, demandantes de tecnologia de

ponta e de matérias-primas como o Nióbio e o Lítio, abundantes em nações sul-americanas. Desta vez a China, na disputa por hegemonia no continente asiático, seja no ramo energético, como no informacional, buscou, no Sudeste Asiático, meios de se fortalecer economicamente, e aliada ao imperialismo norte americano, iniciou ofensivas em países detentores de recursos importantes para seu desenvolvimento econômico.

Paralelamente aos fatos narrados, a situação do continente africano deve ser posta em destaque. O crescimento desordenado e exponencial de sua população, que por si só já seria responsável por piorar a situação crítica da fome e dos problemas sanitários do continente, teve na expansão das “potências decadentes” um fator que auxiliou na deterioração das condições de vida naquela região. Nunca se observaram índices tão grandes de fome e mortalidade infantil. A expectativa de vida em nações da África subsaariana chega a valores próximos dos 45 anos de idade, e a expansão de doenças como a malária e a febre amarela não contribui para a mudança desta realidade. É urgente a necessidade de auxílio dessas pessoas.

Nossa população atingiu os 10 bilhões. Sabíamos que isso um dia ocorreria, mas não nos preocupamos o suficiente a ponto de entender que impactos aconteceriam em nosso mundo. Os problemas urbanos, como o saneamento básico escasso e problemático além do excesso de lixo e seu descarte incorreto, geraram um desgaste em nosso meio ambiente já deteriorado.

O crescimento das desigualdades sociais auxiliou no fortalecimento da escassez de água. Como bem sabemos, ter água é ter poder, e as nações desenvolvidas, como resposta à falta desse recurso, viabilizada pela degradação do meio ambiente, monopolizaram o acesso a esse bem primordial à vida na terra. Sendo assim, os países menos desenvolvidos e suas populações, vêm sofrendo com a falta d’água, inclusive para utilização básica em seus centros urbanos. A ilegalidade da venda desse “produto” também auxiliou na proliferação de doenças e consequente no aumento da mortalidade e na diminuição da qualidade de vida dessas pessoas, os principais atingidos, novamente, são a África, a América mas também a Comunidade Europeia, escassa em recursos hídricos, e que se tornou

dependente dos países que monopolizam o comércio de água para sua subsistência.

Cheguemos agora ao ponto principal de interesse dos senhores: o início da Guerra. Como dito anteriormente, a ofensiva de características imperialistas das “potências decadentes” são o ponto crucial do conflito. Primeiramente, expliquemos tal termo e a quem se refere.

As “potências decadentes” são os dois países que por grande parte da história do último século detiveram as maiores economias do mundo além de uma hegemonia social, comercial e cultural. Fazem parte deste grupo: Estados Unidos da América e China. Os dois, como bem sabemos, em grande medida chegaram ao seu ápice devido à exploração de outras nações mundiais que detinham em abundância recursos de seu interesse. A falta, ou a não negociação, no mundo atual, desses recursos, são as maiores causas da expansão empreendida por tais nações.

Após a segunda metade da década de 2040, as nações pertencentes ao novo Califado Sunita, conhecidas, antes da declaração da união desses Estados muçulmanos, como Arábia Saudita, Kuwait, Emirados Árabes Unidos, Catar e Bahrein, reduziram drasticamente sua produção petrolífera. Tal fato implicou na diminuição de suas exportações, especialmente ao seu principal comprador: os Estados Unidos da América. A nação estadunidense, que já vinha passando por problemas internos de desarticulação política, buscou primeiramente esse recurso em outros aliados como seu vizinho Canadá e a Venezuela. Este último, detendo majoritariamente o monopólio da venda petrolífera, aumentou substancialmente o preço do barril do petróleo, causando descontentamento americano. Resumidamente, meses de tensão entre esses dois países, até então aliados, vieram a concorrer para o início dos ataques à Venezuela em 2047. Paralelamente, a China, desde sempre rival econômica americana, passava por situação semelhante em busca não só de petróleo, mas também de recursos para sua população gigantesca, que enfrentava crises de abastecimento de água e até mesmo energia. Assim, a nação asiática também iniciou ataques desumanos aos

territórios da Malásia e Tailândia, países que se encontravam em plena expansão econômica e social por anos seguidos.

O estopim da guerra veio a ser a tomada forçada das bases de produção petrolífera venezuelanas, pela nação estadunidense e das bases malaias e tailandesas no Oceano Índico, em maio de 2047. As três nações, com o auxílio escancarado do Califado Sunita, declararam guerra ao imperialismo americano. Inicialmente, o conflito restringiu-se apenas a esse grupo de países, mas seus desdobramentos suscitaram questões tão grandes quanto e o fim do que conhecemos por 103 anos como Organização das Nações Unidas.

Novamente observamos acontecer a falha e o desmantelamento de uma organização internacional. A ONU, como bem sabemos, caracterizava o maior dos articuladores internacionais nas relações entre os países e tinha como objetivo harmonizá-las em âmbito global. O Conselho de Segurança das Nações Unidas, composto pelos países vencedores da Segunda Grande Guerra, e representando uma liderança do órgão, após o início de uma nova guerra entrou em crise. Interesses chocavam-se entre seus componentes – Estados Unidos da América, Rússia, Reino Unido, França e China – e a quebra dos propósitos básicos estabelecidos pela Carta da ONU no século passado, representavam uma clara contradição a existência desse órgão. Assim sendo, primeiramente houve a dissolução do Conselho de Segurança - que por ventura detinha os principais causadores da Guerra – e como consequência, houve a total desarticulação da organização que não poderia sobreviver sem seus principais líderes e numa situação de conflito, mesmo com mais de 180 nações envolvidas.

Então, em janeiro de 2048, foi decretado o fim da Organização das Nações Unidas e de suas atividades.

A partir disso a Guerra tomou um rumo sem precedentes. O Japão e as nações mais fortes da Comunidade Europeia, que enfrentavam também problemas hídricos e principalmente a falta de recursos para seu desenvolvimento tecnológico, como já foi dito anteriormente, aliaram-se ideologicamente às políticas intervencionistas americanas e chinesas. Nações africanas e latino-americanas

dessa vez vieram a sofrer com seus ataques e invasões territoriais. O Brasil, a Argentina, o Chile e as nações do Mercosul que até então apresentavam crescimento econômico exponencial sofreram bombardeios territoriais e aéreos. Houve a tomada de territórios da Amazônia brasileira e colombiana por Estados Unidos, França e Alemanha. O mesmo ocorreu na região centro-africana, em países como Congo, República Democrática do Congo e Camarões, acentuando sua situação decadente.

Os últimos anos não têm sido fáceis para o mundo. A falta da ONU ou de uma organização internacional que harmonizasse nossas relações contribuiu para a criação de um mundo anômico. Não há regras. As nações agem conforme interesses próprios, independente das consequências. A ganância e o egoísmo humano nunca estiveram tão à tona nesses 8 anos de Guerra. O saldo de mortes conta milhões nos 5 continentes. Seja por embates militares diretos ou os efeitos indiretos do conflito. Alguns grupos até tentaram reacender o espírito da antiga ONU, mas nada que se concretizasse.

É nesse cenário caótico que anunciamos a criação da Organização Pacificadora de Conflitos Mundiais. Não desejamos ser uma nova ONU. Falhamos. Somos uma cooperação de países envolvidos logo no início da Guerra e que estão fartos da hostilidade e da calamidade social que os povos mundiais enfrentam. 6 de Agosto de 2055. Brasil, Venezuela, Colômbia, Malásia e Tailândia assinam o acordo de cooperação para resolução do conflito e ao longo dos meses recebem a aderência de outras nações que têm o mesmo propósito. É chegada a hora de colocarmos um fim a essa situação. Devemos discutir em nossa cúpula os porquês da Guerra, quem o fez? O que causamos ao mundo e as pessoas? Como podemos resolver? Nós falhamos, admitimos, devemos corrigir nossos erros. E agora, clamamos por sua intelectualidade.

Com respeito,

Diretores da Organização Pacificadora de Conflitos Mundiais.

4. Temas

As discussões devem ser cerceadas por três temas principais e suas ramificações, explicitados a seguir.

I) As causas e origens do conflito.

A situação crítica em que se encontram diversas regiões do mundo é fruto de algo que nós mesmos construímos nos últimos séculos. Os representantes devem discutir as questões relacionadas à escassez de petróleo e seus impactos nas políticas externas mundiais, além da má utilização e gestão dos recursos naturais e hídricos bem como a exploração continuada do continente africano. Também é colocado em xeque a cultura do consumo desenvolvida em nossas sociedades e de que forma ela concorreu para questões conflituosas. As novas tecnologias, a lógica de progresso constante, além de outros, são fatores cruciais para entendermos bem o início de nossa guerra. Os senhores deverão ter olhar crítico para todas essas questões a ponto de analisá-las, pois somente entendendo sua origem, chegaremos a sua resolução.

II) As consequências globais do conflito.

Quais os efeitos observados após o fim da organização e o estabelecimento do conflito? Sabemos que o saldo de mortes é altíssimo, mas este é apenas a expressão máxima de outras questões como o aumento da mortalidade infantil, as crises de fome e abastecimento hídrico, a proliferação de problemas urbanos relacionados à poluição e principalmente as desigualdades social e política. Nessa questão, senhores delegados, é importante atentar-se à relação desses problemas com a guerra, estabelecendo uma conexão passível entre eles. A identificação desses problemas é um passo importante no estabelecimento de medidas para sua resolução e melhorias na qualidade de vida da população mundial.

III) Definições para o futuro do mundo.

O comitê, com a intenção de prevenir novos conflitos e melhorar a situação das sociedades mundiais, convoca os senhores à discussão de resoluções pacíficas e pertinentes às diversas realidades de forma a respeitar a soberania das nações. Espera-se que os senhores discutam resoluções para a questão hídrica, natural – no que diz respeito a exploração dos recursos – a fome, a superpopulação, os impactos físicos e sociais da guerra, e de que modo será o ajuste de suas políticas externas para aplicação das medidas. Reiteramos que a OPCM não é um órgão que deverá obrigatoriamente substituir a antiga ONU, ficando a critério dos participantes a criação ou não de outra organização desse padrão.

4.1 Subtemas

4.1.1- O fim do petróleo e novas alternativas de energia

Em concordância com o que foi deixado claro aos senhores, o petróleo, fonte de energia utilizada em larga escala desde a revolução industrial, passou nos anos de 2040 uma queda expansiva na sua produção, especialmente nas nações pertencentes ao seu principal eixo de produção, a OPEP (OPEC em sua sigla inglesa, que é formada principalmente por países do Oriente Médio e América do Sul.

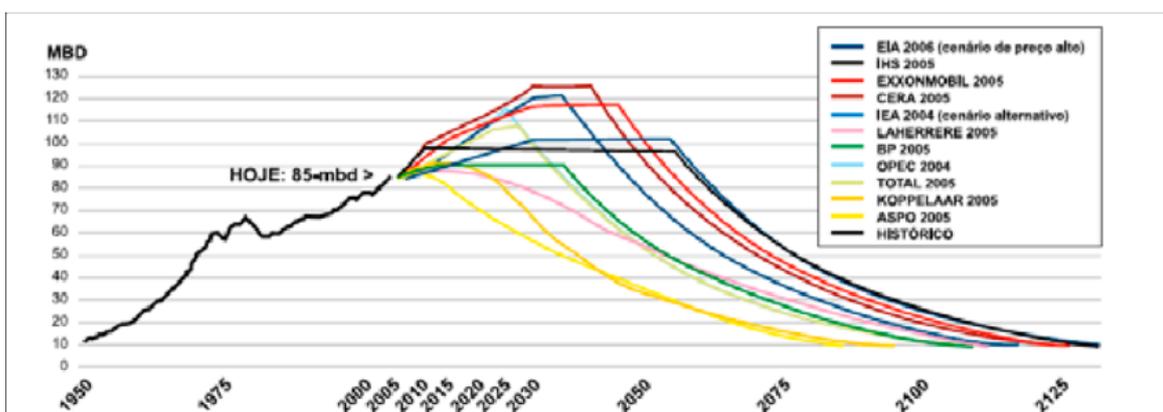


Figura 1: Gráfico perspectivo de produção petrolífera

Este fato trouxe à tona a necessidade da substituição urgente dessa matriz energética por outras mais viáveis e sustentáveis, acrescentando mais uma disputa entre países desenvolvidos e em desenvolvimento no mundo e contribuindo com o início do conflito. O Califado Sunita representou, nesse período, um bloco de afronta a hegemonia estadunidense e chinesa, aumentando a necessidade deste e de outros países pela busca de novos mercados e da substituição de suas formas de obtenção de energia. Abaixo, algumas formas em utilização no período em questão, que apresentam grandes vantagens com relação ao petróleo.

1) Energia geotérmica

É a energia proveniente do interior da Terra, que pode ser usada para aquecimento residencial e produção de energia elétrica. As chamadas Usinas Geotermiais devem ser construídas em áreas de intensa atividade vulcânica, onde o calor aflora à superfície e permite sua transformação. Em contrapartida, tais usinas liberam uma grande quantidade de dióxido de enxofre, composto químico prejudicial à saúde e ao meio ambiente, sendo necessário o planejamento de sua utilização.

2) Biocombustíveis

É a energia gerada pela queima da biomassa presente em compostos orgânicos, como madeira e toda matéria orgânica vegetal ou animal. Uma energia limpa e que gera poucos efeitos poluentes, mas que em contrapartida apresenta um dano maior ao meio ambiente no quesito desmatamento.

3) Energia eólica

Fonte energética que utiliza o vento como matriz. A abundância desse recurso possibilita o baixo custo dessa produção. É considerada uma das formas de energia

mais propícias a substituírem as fontes poluentes no futuro, ao passo que demanda um território maior para sua produção e instalação dos aerogeradores.

4) Energia solar

Uma das alternativas que mais vem ganhando espaço no mercado atual, a energia solar é considerada limpa e renovável, mas ainda é restrita visto o alto custo de produção das chamadas placas fotovoltaicas, responsáveis pela conversão da energia do sol em elétrica. Observa-se que países que tem seu território em áreas tropicais têm maior potencial energético nesse quesito, visto a maior insolação que recebem.

No contexto futurista, a ascensão e a utilização maior dessas matrizes energéticas representaram ao mesmo tempo que um avanço no que diz respeito a sustentabilidade, um problema para as nações desenvolvidas na substituição de suas fontes arcaicas de energia, pautadas majoritariamente nos combustíveis fósseis, para as atuais fontes, que demandam tecnologias de ponta e novos territórios.

4.1.2- Superpopulação: Um mal em descontrolado

Nas últimas décadas o mundo passou por um crescimento exponencial de sua população. A falta de políticas institucionais relacionadas a sua contenção, como a melhoria das condições de vida nos países subdesenvolvidos, é o fator mais importante a ser analisado na questão super populacional. Nos últimos anos, isso se tornou um mal. É crucial que tomemos alguma atitude para evitar a continuação desse crescimento, para o bem ou para mal. Caso isso não ocorra, o futuro pode se tornar insustentável em diversos aspectos para a vida humana. A população em demasia está diretamente ligada às relações internacionais das nações, pois é prioridade do Estado proteger seus cidadãos e garanti-los ou não condições humanas de vida. No futuro em questão, a Declaração Universal dos Direitos

Humanos ainda está em vigor, e nos cabe definir quais são esses direitos. Também é necessário analisar as projeções de população futura, e de que modo podemos reverter o quadro de instabilidade social gerado por ela e como a Guerra tem relações diretas na questão da relação entre recursos naturais e população crescente.



Figura 1: Síntese dos Direitos Humanos

Também é necessário analisar as projeções de população futura, e de que modo podemos reverter o quadro de instabilidade social gerado por ela e como a Guerra

tem relações diretas na questão da relação entre recursos naturais e população crescente.

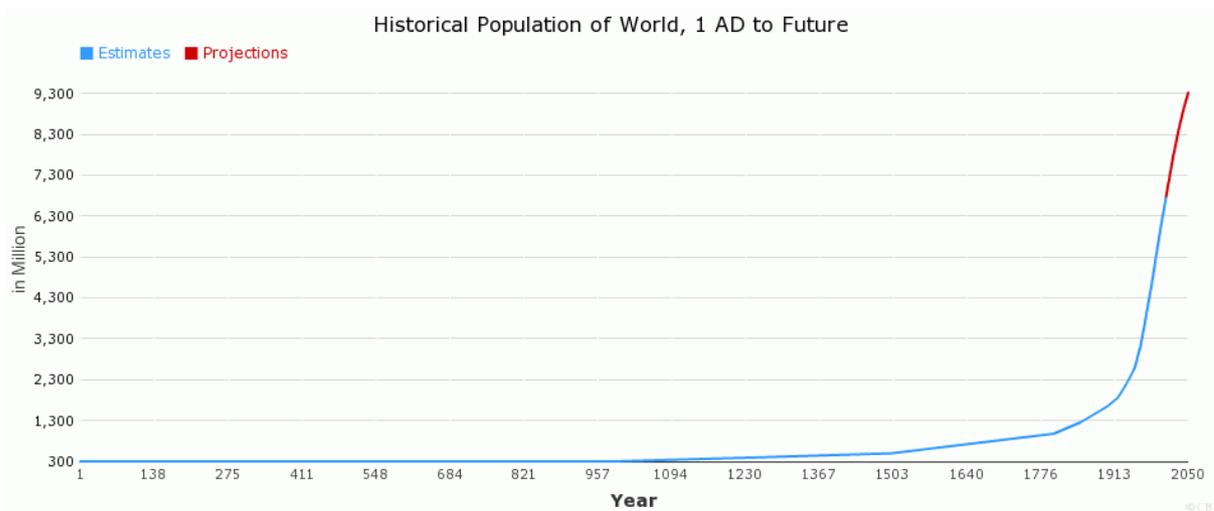


Figura 2: Gráfico de evolução populacional e projeções futuras

4.1.3- Água: um bem precioso e escasso

A espécie humana e todo o reino animal depende imensamente da água, e este bem tão precioso desde sempre representou um motivo de disputas entre os indivíduos que o desejavam. Em nosso futuro, isso não é diferente. Com o aumento da população, a relação necessidade/demanda sofreu um desequilíbrio, que aliado à poluição do meio ambiente – em especial dos principais lençóis freáticos e bacias hidrográficas de grandes centros urbanos europeus e americanos – causou uma disputa por territórios que ofereçam precioso recurso. Sena, Danúbio, Volga e Pó, rios que cortam importantes cidades europeias e que se encontram em situação crítica. Tudo isso alterou as políticas de obtenção de água das nações. O “mercado da água” se tornou uma nova atividade econômica importante e os governos precisaram se adequar à nova situação e buscar novas maneiras para prover esse elemento aos seus cidadãos, seja comprando ou buscando outras áreas que o tivessem. Ter água é ter poder. Os países, em especial os tropicais, que demandam abundância hídrica, se tornaram grandes revendedores no comércio da água e passaram a lucrar em cima disso, além de polos de atração de recolhimento da água. Nesse contexto, as disputas territoriais intensificaram as tensões entre países

com abundância hídrica e o que buscam tal recurso. A exploração das regiões tropicais atingiu níveis alarmantes na América e na África e é necessário analisar também o impacto social das disputas da água no que diz respeito ao seu acesso. As desigualdades sociais e os conflitos auxiliaram na restrição da obtenção da água ocasionando a morte de pessoas em várias regiões do globo.

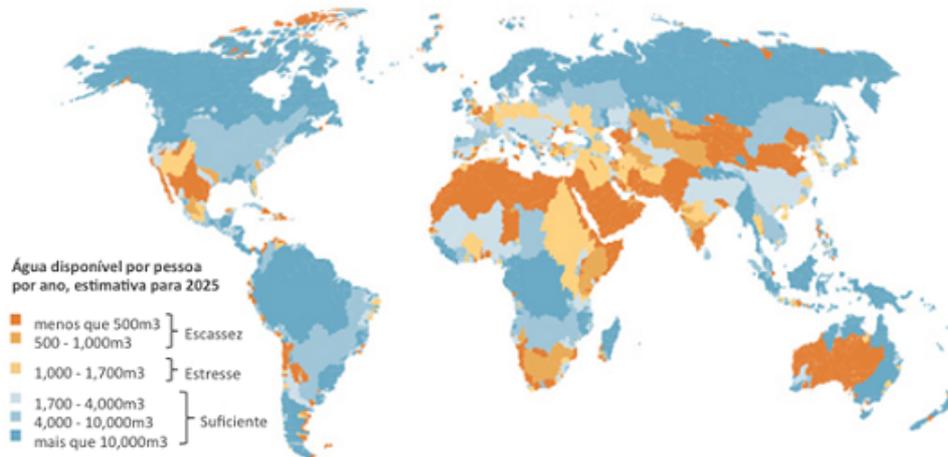
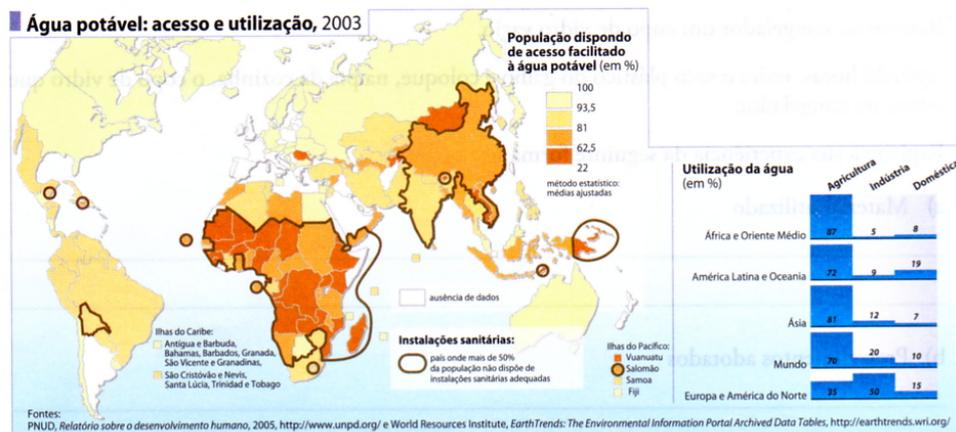


Figura 5: Disponibilidade de água no mundo em 2025



Mundo: água potável: acesso e utilização, 2003. Fonte: DURAND, M.-F. et al. Atlas de la mondialisation. Édition 2008. Paris: Presses de Sciences Po, 2008. p. 109.

Figura 6: Acesso e utilização da água no mundo

A análise dos mapas permite inferir que nem sempre as regiões que dispõem da água possibilitam acesso amplo aos seus indivíduos. Além do mais, as projeções indicam uma diminuição na sua disponibilidade, restringindo-as a territórios tropicais e acentuando conflitos por estes.

4.1.4- África em decadência: Um continente marcado pela morte e a exploração

A exploração do continente africano é uma situação recorrente e que demanda análises históricas mais profundas para seu entendimento. A África, possui em seu território com mais de 50 países, uma riqueza de recursos minerais, vegetais, hídricos e até mesmo humanos, que desde sempre foram alvo de desejo de diversos países e despertaram ações de domínio nessas regiões. Essa exploração, aliada a fatores mais complexos, é a maior responsável pela situação crítica de suas sociedades. Os altos índices de mortalidade infantil, a baixa expectativa de vida, o analfabetismo e a instabilidade política são índices que deixam claro essa situação. No futuro, a intervenção imperialista e desenfreada das nações desenvolvidas no continente tendem a agravar esse cenário, e a análise dessas políticas e seus impactos são cruciais no contexto da guerra, no intuito de evitar mais mortes.

4.1-5- Desenvolvimento de novas tecnologias e a lógica do consumo

O futuro é fruto do nosso presente. O surgimento de novas tecnologias é algo compreensível no contexto mundial, visto que constantemente os seres humanos estão em busca de reduzir seus trabalhos e facilitar sua vida. Em nossos debates, devemos considerar o contexto de desenvolvimento em que o mundo se encontra e outros fatores imprescindíveis no entendimento do conflito. A lógica do consumismo, fruto da crescente expansão do capitalismo - que tem bases fortes no progresso constante -, é um fator que auxiliou a degradação do meio ambiente e a busca por recursos. As novas tecnologias devem ser levadas em conta como instrumentos do conflito, e listamos abaixo algumas em questão.

1) Edição genética

Os estudos e pesquisas nos campos da genética e da decodificação do genoma humano já são uma realidade atualmente. Segundo especialistas, estima-se que até 2050 a tecnologia conhecida como “CRISPR” seja amplamente utilizada e difundida no meio tecnológico. Tal tecnologia possibilita certa facilidade na edição do genoma

animal (incluindo o humano) e vegetal, e será utilizada de variadas formas como vantagem pelas nações desenvolvidas. A possibilidade de mutações em humanos e alimentos representa uma vantagem na criação de qualidades fisiológicas que podem auxiliar no conflito, ou então, agravar a crise política mundial. Nesse contexto, a facilidade de edição do DNA, comparada até mesmo por especialistas como um “editor de texto”, pode ser um fator importante nas definições do conflito.

2) Neurobiologia

“Estamos prestes a ver uma revolução que mudará a condição humana”. Esta frase do neurobiólogo e estudioso Rafael Yuste sintetiza e nos apresenta o desenvolvimento das tecnologias de desenvolvimento cerebral e estudos que buscam desvendar os segredos do cérebro humano. A evolução dos atuais “escâneres cerebrais” é estimada para as próximas duas décadas de acordo com os estudos da instituição “Brain”, que apresenta ao mundo uma tecnologia inovadora de decodificação do que chamam de “código cerebral”. Segundo a instituição, o entendimento do funcionamento cerebral estaria nas próximas décadas atrelada ao desenvolvimento da computação, e que até 2050, será possível saber o que uma pessoa está pensando ou até mesmo manipular suas ações apenas por um computador. Tal fato representa um avanço no que diz respeito ao desenvolvimento da inteligência artificial, ao passo que é um desafio em sua jurisdição. A desigualdade existente acentua o acesso a essas tecnologias a um pequeno número de pessoas, ligadas a interesses pessoais. O futuro então necessitaria de uma jurisdição, um conjunto de regras éticas que resguardassem nossos “direitos cerebrais” de possíveis violações. Numa situação de guerra, tais direitos claramente não são respeitados, e as tecnologias de neurociência podem se tornar uma arma nas mãos erradas. É fato claro as qualidades humanas que essa engenharia tem a oferecer, mas sua utilização incorreta é importante numa situação conflituosa.

4.1..6- O grande descontrole consumista e a busca de novas fontes fornecedoras no mundo

É necessário analisarmos também o contexto social do mundo futuro. Com base no crescimento tecnológico observado no mundo atual, e no constante desenvolvimento

do entretenimento, espera-se uma sociedade extremamente futurista e mecanizada nas próximas décadas. Desde a revolução industrial o homem vem buscando reduzir seus trabalhos e tarefas através de tais tecnologias e aliado à ascensão do sistema capitalista o consumo se tornou o principal ato do ser humano. Do nascimento até a morte, a ideia do consumo é presente na vida humana, esse ato se tornou normatizado em nossa sociedade, e representa um processo de identificação dos indivíduos. A frase “se consumo, existo, se existo, consumo” sintetiza bem tal ideia. Os meios de comunicação em massa, especialmente a internet, tem papel crucial no processo de desenvolvimento da lógica consumista. Compramos uma ideia, um modo de vida, muito menos um produto. O futuro nos reserva a afirmação dessa lógica, visto a massificação do acesso à internet, e da melhoria na qualidade de vida e no poder aquisitivo das pessoas. Sendo assim, é mister compreender o papel do consumismo, e da própria sociedade em uma nova Guerra. A expressão dessa lógica se dá no desgaste excessivo do meio ambiente, e tal fato pode ocasionar graves conflitos territoriais e pôr em xeque interesses privados. Além do mais, como já dito anteriormente, as novas tecnologias demandam mão de obra especializada e produtos primários não tão abundantes, acirrando, nesse período, as tensões no que dizem respeito às políticas externas mundiais.

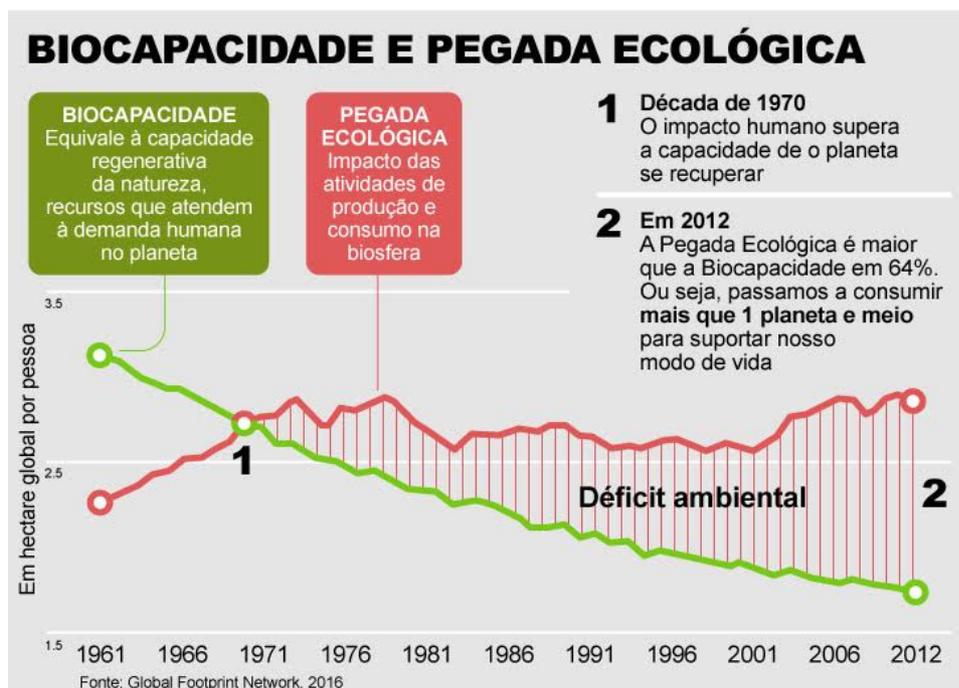


Figura 4: Biocapacidade e pegada ecológica

O gráfico acima explicita a tendência constante de aumento do déficit ambiental observado no mundo moderno, deixando claro como o consumismo desenfreado e a falta de políticas nessa questão representam um problema futuro no cenário mundial.

5. Posicionamento das delegações

Afeganistão:

Sendo considerado um país pobre desde 2019, o Afeganistão tem inúmeros transtornos com falta de água, devido às intensas secas em seu território. Seus principais setores econômicos decaíram e se tornaram frágeis, estes sendo a agricultura e a pecuária. Sua economia tem afetado diretamente seu crescimento populacional que tem se tornado negativo e fez com que a nação seja uma das únicas não criticadas por sua população. No contexto da guerra, teve seu território duramente tomado por tropas chinesas e americanas, o que torna o país um alvo constante de ataques, o que degrada a situação social de seus indivíduos.

Anistia Internacional:

Com os problemas decorrentes a anistia internacional tem crescido e tem se tornado cada vez mais influente, tendo como foco muitos países do oriente médio que tem dado cada vez menos importância com a política dos direitos humanos, como a Índia, Iêmen, Irã, entre outros que fazem parte da África. Porém, tem sido mais difícil focar somente em uma adversidade contendo atualmente as potências decadentes que se tornaram principais infratores dos direitos humanos invadindo a África, explorando e violentando os habitantes deste continente que cada vez mais passam por dificuldades.

Um alvo atual tem sido a Shell que até então tem sido investigada por seus problemas com petróleo e com seus possíveis patrocínios de potências decadentes que até então têm sido os maiores causadores de problemas para as nações africanas.

Argentina:

A Argentina é uma das nações fundadoras da Organização Pacificadora de Conflitos Mundiais. O país, assim como o Brasil, detém de certa estabilidade e desenvolvimento social e econômico, possibilitado por sua abundância em recursos hídricos, minerais e territoriais. Dessa forma, o país é amplamente concorrido no setor mineral, tecnológico e humano, e faz frente ao imperialismo das potências decadentes nas diversas nações do mundo. Seus territórios da patagônia são amplamente concorridos e alvo de interesse internacional, sendo inclusive passíveis de ocupação. No contexto do conflito, busca se estabelecer hegemonicamente na América do Sul e auxilia as nações do continente nas investidas imperialistas. Portanto, possui papel essencial no conflito e na sua resolução.

Alemanha:

A Alemanha é o país que se encontra em quarto lugar no ranking mundial de PIB, tem no momento o maior parque biotecnológico do mundo, com a utilização de 30% de matéria-prima regenerativa, o que torna a nação uma das mais desenvolvidas tecnologicamente no mundo. Tem influência na OPCM por ainda ser um dos poucos países que tenta manter alguma relação com o movimento sustentável visando as futuras gerações e busca ajudar as delegações menos favorecidas, seja monetariamente ou até mesmo mandando tropas aos que sofrem com ameaças, aliando-se ao seu eixo fundador. Sendo assim, o país busca a melhoria das condições mundiais e o fim do conflito.

África do Sul:

A África do Sul é um país que possui uma das maiores reservas mundiais de manganês, diamante e carvão do mundo, o que faz com que ela seja alvo das potências decadentes constantemente. A nação uniu-se a Alemanha para combater ameaças a seu território, e tem o apoio dos fundadores da OPCM nesse sentido. Enfrenta problemas relacionados à superpopulação e a piora nas condições de vida de seus cidadãos.

Austrália:

A Austrália é uma potência mundial que se encontra sem problemas de caráter social ou econômico, mas mesmo sem a existência deles, mantém posição neutra no cenário da guerra. A nação tem a muito tempo o título de maior exportadora mundial de carvão, uma matéria-prima relativamente arcaica, mas alternativa, e também é exportadora de petróleo bruto o que faz com que tentem invadir seu território, não obtendo êxito visto o seu isolamento geografia e poderio militar e marítimo na região. Seu desenvolvimento interno possibilitou a permanência de uma boa qualidade de vida a sua população, e por isso, busca não se envolver na guerra, apenas servindo como intermédio entre os conflitos.

Bolívia:

A Bolívia é uma das nações que mais sofrem com as intervenções das potências decadentes na América Latina e é uma das co fundadoras da OPCM. O país possui grandes reservas de gás natural, uma fonte alternativa de energia que é amplamente utilizada durante a guerra, e também de minérios e recursos naturais extremamente importantes para as tecnologias de ponta, possuindo a maior reserva de lítio mundial. Todos esses fatores concorreram para a invasão territorial da Bolívia pelos Estados Unidos, o que caracterizou um dos estopins da guerra. Paralelamente, a situação social de sua população piorou, o que provocou uma fuga

de seus cidadãos para zonas rurais andinas em busca de fugir dos efeitos maléficos do conflito.

Brasil:

O Brasil é uma das nações fundadoras da Organização Pacificadora de Conflitos Mundiais. Como parte da América do Sul, e experimentando um crescimento econômico considerável nas últimas décadas – principalmente a partir do desenvolvimento de seu parque tecnológico e da substituição de suas fontes de energia – sofre com as políticas imperialistas especialmente dos Estados Unidos da América. A nação é possuidora de uma diversidade de recursos naturais, minerais e humanos de importância essencial às potências decadentes. Possui na Amazônia uma diversidade de recursos naturais relacionados à extração mineral bem como uma capacidade hídrica desejosa para utilização em produção energética e uso humano. Na esfera interna, a disponibilidade desses recursos possibilitou sua ascensão econômica no contexto de desenvolvimento futurístico. Sendo assim, é alto o interesse internacional nesses recursos disponibilizados pelo território brasileiro, e o país, frente ao imperialismo norte americano, faz oposição em busca de hegemonia no continente sul-americano. A nação auxilia os países invadidos com diversos recursos de combate e busca a resolução do conflito como meio de atingir sua prosperidade social e econômica. Apesar disso, é duramente criticado pela exploração excessiva do meio ambiente que pratica, além da maneira que vem lidando com o conflito e os impactos que vem causando a diversas populações com suas intervenções e políticas de guerra.

Bélgica:

A Bélgica é um país que vivia da prática do turismo, mas que com o início da guerra perdeu sua maior fonte de renda devido ao crescimento da onda de violência pelo mundo. A nação não passa por grave crise hídrica no momento, porém, uma pequena parte de sua água potável se encontra poluída graças aos resíduos radioativos que prejudicam além os lençóis freáticos o solo de seu território. Por

conta de seu pequeno território e da população extremamente idosa, a Bélgica passa por sérios problemas econômicos e vem investindo em países africanos – especialmente os centrais - com políticas violentas, sendo duramente criticada por se aliar às políticas das potências decadentes.

Camarões:

O país é um grande exportador de petróleo e por isso tem sido alvo de potências decadentes que invadem o seu território e na tentativa de explorar esse recurso escasso violentam indivíduos, tentam implantar o próprio modelo de extração e os pagam com salários baixos, o que torna esse trabalho análogo ao escravo. Na tentativa de se manter estável economicamente, Camarões investiu na produção e exportação de seu gás natural, não obtendo sucesso visto os embargos e dificuldades que sofre após o início do conflito. Outro fator importante a ser observado é a grande disponibilidade hídrica do país, que se encontra numa zona tropical, e, portanto, é alvo de investidas europeias nesse quesito. A situação social da nação é crítica com todo o contexto apresentado acima.

Coreia do Norte:

A Coreia do Norte é fechada para qualquer acordo externo ao país. Porém, tal fechamento, nos últimos anos, vem causando intensas crises por falta de alimento e de produtos básicos, o que é motivo de descontentamento para sua população. O desenvolvimento fechado do país priva qualquer política que possa se referir a recursos naturais quem vem se esgotando, além de sofrer muito com a escassez de petróleo que era sua principal fonte para automóveis.

Além do fator de foco na criação bélica, a Coreia tem problemas na questão da água, porém, sabe reagir muito bem a isso e vem tentando implantar mais formas de purificar e utilizar esse recurso. A nação sofre com essas adversidades, mas tem achado saídas que diferem dos demais. Ainda assim espera-se uma mudança de postura de seu governo com relação aos problemas internos que enfrenta.

China:

A China é a segunda nação componente das “potências decadentes”. Sendo assim, durante muito tempo foi uma das maiores economias mundiais, detentora de grandes empresas nos setores de tecnologia e serviços, e uma produção industrial avançada, além de uma bolsa de valores muito conhecida. Tudo isso demandou do país uma grande utilização de recursos primordiais, como o petróleo, além de que sua população gigantesca atingiu um patamar superior ao limite de suprimentos tanto de alimentos como de água, e o país vem passando por graves crises de desabastecimento. Nesse contexto, a China iniciou, juntamente aos Estados Unidos da América e contrariando seu histórico de rivalidade econômica, uma expansão imperialista às nações de sua zona de influência. Malásia e Tailândia, os novos “Tigres Asiáticos”, que experimentaram crescimento econômico exponencial e melhoria na sua qualidade de vida nas últimas décadas, foram as escolhidas como zonas de utilização pela China. O país, de início, buscou diplomaticamente uma aproximação com essas nações de forma a atender seus interesses econômicos na utilização de petróleo e riquezas minerais, e não obtendo o que queria, iniciou um avanço militar pela península Indochinesa, ocupando zonas de ricas florestas e jazidas minerais importantes para seu parque industrial, até chegarem às bases de produção petrolífera na Malásia. Tal fato foi o estopim para o desenvolvimento do conflito na Ásia. A partir daí, a situação deteriorou-se. O país, desgastado pela guerra e pelos ataques aéreos e territoriais que vêm sofrendo, fez piorar a situação social de sua superpopulação, e o conflito saiu de um caráter puramente econômico e passou a ter viés social, pois grupos dentro da própria nação passaram a lutar em busca de melhores condições de vida, de alimento e de acesso à água. A China nunca havia enfrentado situação tão caótica social e economicamente, e se encontra a beira de um colapso caso a guerra não se finde.

Chile:

O Chile, no contexto em questão, é uma das principais nações de apoio aos países da América Latina, servindo como local de chegada de tropas, feridos e apoio social aos combates da guerra no continente. Seu território é importante para auxiliar os países vizinhos nos combates e dificulta o avanço de outras nações sobre. O país não é tão desejoso às potências decadentes, pois seus recursos naturais e humanos não são alinhados às necessidades destes. Sendo assim, a nação se desenvolveu economicamente sem empecilhos e se adequou ao projeto futurístico, possibilitando a melhoria das condições de vida de seus habitantes e dando suporte aos vizinhos que sofrem pelo conflito.

Califado Sunita:

O Califado Sunita é uma confederação de Estados Muçulmanos no Oriente Médio, criado em 2038 no contexto de disputas no mercado internacional de petróleo mundial, como forma de manter sua hegemonia nesse cenário adverso de competitividade. As nações do Kuwait, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Catar e Bahrein, aproveitando de traços culturais em comum de suas populações – como professantes da fé muçulmana e pertencentes a vertente sunita dessa religião em sua maioria – uniram-se numa única representação. A nova federação é um Estado teocrático, com bases constitucionais na lei islâmica da Sharia, e unida sobre a representação de um “califa” chefe de Estado e de Governo, responsável pela definição das principais políticas da federação, que sugere certa autonomia aos seus territórios de formação. Como bem se sabe, a região do globo que engloba o Califado detêm grandes quantidades de petróleo e a maior exportação desse produto no mundo, e a queda brusca na produção petrolífera correspondeu a uma mudança de postura do califa, forte aliado econômico estadunidense, que taxou acima do normal sua exportação de barris para o Ocidente como meio de proteger sua economia. A Federação tem como principais objetivos no contexto atual o fortalecimento de sua economia com base na exportação petrolífera, porém enfrenta desafios visto a expansão da utilização de outras fontes de energia. No contexto da Guerra, o país vem se aliando contrariamente ao eixo das potências decadentes, ao lado das nações detentoras de recursos naturais, buscando uma cooperação no

sentido de proteger seu mercado petrolífero e expandir seu consumo, ao mesmo tempo que desenvolver e diversificar sua economia reduzindo a dependência petrolífera.

Coca Cola:

A Coca Cola é uma empresa de influência sociocultural e econômica mundial, duramente criticada pelas formas de trabalho e exploração que tem praticado em nações pobres no mundo atual. A empresa possui grande influência em territórios com disponibilidade hídrica e pode auxiliar tanto as potências decadentes quanto o eixo OPCM de acordo com suas visualizações de melhoria econômica e nas perspectivas de venda de seus produtos.

Estados Unidos:

Os Estados Unidos da América foi uma das nações mais desenvolvidas do mundo e tem grande influência na geopolítica mundial, talvez a maior de todas. A nação se desenvolveu com bases firmes numa economia de mercado, e exploratória, caracterizando-se como a maior potência capitalista mundial por muito tempo, exercendo tanto influência econômica, como social e cultural. Agora, o país passa por graves problemas. O crescimento exponencial de sua economia, que vinha sendo observado nas últimas décadas, atingiu um limite, e suas empresas transnacionais, responsáveis pela grande parcela desse crescimento, bem como seu parque tecnológico extremamente desenvolvido responderam a essa queda. O governo americano sofreu uma grande pressão nesse sentido, e iniciou o processo de expansão na busca de atender aos interesses dos líderes empresariais, que praticamente controlam o país. A economia continuou a cair, e o país se tornou o primeiro das “potências decadentes”, tendo papel crucial no início do conflito. Suas maiores ofensivas podem ser observadas na questão petrolífera, representada pela invasão de bases na Venezuela. Além da exploração de países africanos e latino-americanos como Camarões, República Democrática do Congo e Bolívia, na busca de matéria prima para o desenvolvimento de seu parque tecnológico e

expansão de mercados. O país passou a exercer domínio direto de regiões da Venezuela e da Bolívia, com seu exército marcando presença nestas áreas e contribuindo para maiores tensões com o bloco sul-americano. A nação americana, ainda como uma potência bélica e militar, se utilizou de seu arsenal no controle desses territórios supracitados. O maior interesse do país em permanecer ocupando tais regiões é o estabelecimento de relações comerciais e de exploração dos recursos que eles provem, no intuito de retornar ao status de potência mundial. Destaca-se a necessidade da utilização de fontes de energia como o petróleo, presente em grande parte na Venezuela, além de outras matérias primas para o desenvolvimento de tecnologia de ponta – entre elas o Lítio - na Amazônia. Frente às outras nações do mundo, o Estados Unidos é considerado um país arcaico, pois por muito tempo seguiu uma linha desenvolvimentista exploratória, e não diversificou suas atividades econômicas com o objetivo de se adequar ao padrão atual. Tal conjuntura contribuiu para sua decadência econômica e diplomática concorrendo para o contexto que vivemos. Portanto, devemos discorrer a respeito de todos os fatos que auxiliaram no estabelecimento dessa situação no país, como se tornou uma “potência decadente” e de que modo a nação pode novamente rumar para uma estabilidade econômica e diplomática com o resto do mundo.

Espanha:

A Espanha é um país que se encontra em uma crise econômica e social devido à decadência de sua economia. A nação passa também por dificuldades relacionadas ao seu abastecimento interno no contexto da guerra. É uma nação neutra perante os eixos de alinhamento durante o conflito, e busca, essencialmente, o fim dos embates para sua prosperidade econômica e social. Apesar disso, seus antigos territórios coloniais na América solicitam o apoio espanhol nas suas questões relacionadas à exploração das potências decadentes, não obtendo sucesso nas negociações.

França:

A França é uma nação europeia que não faz parte das potências decadentes, mas que no contexto da Guerra se aliou ao eixo desses países. Essa postura é explicada pela proximidade ideológica e histórica com os Estados Unidos da América, além da economia que sofreu com o avanço tecnológico. O país não se adequou ao padrão de desenvolvimento atual e detém um parque tecnológico relativamente atrasado em relação às outras nações. No contexto de competitividade mundial de tecnologias, o país viu na guerra uma oportunidade de ascender economicamente aliando-se ao bloco que busca seu desenvolvimento com base na intervenção em outras nações. Além de sua economia, a França passa por situação social crítica, com a ascensão de grupos sociais que desejam a melhora nas suas condições de vida, visto o atraso econômico da nação. A desigualdade social associada ao difícil acesso à água é um fator causador de conflitos e o país europeu busca formas de obter mais facilmente esse recurso primordial para sua população. Sua maior zona de influência é a região centro-africana, e áreas que foram por grande parte da história colônias francesas, tiveram sua soberania novamente suprimida frente à hegemonia europeia e hoje são novos protetorados que lutam contra a exploração descarada da nação europeia. Tal fato faz da França alvo de grandes críticas e desacordos com os países que defendem a autonomia das nações africanas e desejam a melhoria das condições sociais desses países, que após o reinício das políticas de exploração, tiveram uma significativa piora na situação de sua população.

Greenpeace:

Diante dos grandes confrontos entre potências decadentes e eixo OPCM, a ONG tem se posicionado contra as grandes nações que por muito tempo tem tomado decisões que não são a favor do conselho de leis e medidas ecológicas, bem como a exploração excessiva e desordenada dos territórios. Como países grandes em aumento de resíduos como nos Estados Unidos, China, Índia e outros países que se demonstram contra políticas de redução de poluentes, com este aumento populacional e de uso de recursos, faz com que ocorra uma mudança climática

radical em que animais sofram, com a poluição nos mares, o aumento térmico, o desmatamento, e até a escassez de água dando início a uma cadeia de mortes.

Além de defender causas como a vida selvagem e a diminuição da produção de lixo, tem se tornado um foco a exploração de recursos necessários à vida, sendo considerado uma grande adversidade o aumento de nações sendo exploradas e violentadas.

Desse modo, a ONG posiciona-se contra a exploração natural e humana, bem como dos recursos naturais finitos e o impacto do homem no planeta, e busca através de políticas sustentáveis reverter tal situação.

Irã:

O país passa por inúmeras adversidades em relação à economia e a extração de recursos que por muito tempo tem sido exacerbada, incluindo a exportação de petróleo, que se tornou escassa no país graças a quantidade já utilizada e que sustentavam a economia da nação. Sua sociedade tem passado por crises de fome, agravadas pela mudança climática, e também por problemas no seu abastecimento de água. Como produtor de armas de destruição em massa, tem tomado a frente, e ajuda nações que exploram parte da África através da venda de suas armas e outros produtos. Até o momento, o país não se alinhou a nenhum dos eixos e representa oposição tanto aos Estados Unidos quanto ao Califados Sunita.

Índia:

A Índia, apesar de seus constantes problemas com doenças e violência, ainda sofre com a influência religiosa o que faz com que o crescimento populacional não pare e nem desacelere de forma ideal, sendo atualmente o país com maior número de habitantes no mundo. Tal fato o torna criticado pela falta de políticas e movimentos que proíbam a quantidade de filhos por pessoas. Passa por intensas crises de água e diferente de outros países, não há como produzir máquinas o bastante para filtrar e dessalinizar água para a sua população, causando inúmeros problemas com sede

e de saúde, com inúmeras doenças pela falta de saneamento, higiene e consumo. Com suas exportações de recursos e de industrializados, o país sofre intensas críticas ligadas ao consumo e a utilização exagerada deles, não só com seus habitantes, mas com os consumidores que são diversos pelo preço da mercadoria.

êmen:

Um dos únicos países que atualmente tem petróleo sem grandes problemas, mas que tem sido alvo de invasões terroristas das potências decadentes que cada vez mais tem sido agressivas e despertado pânico nos habitantes de países que têm recursos ainda não explorados. Para compensar sua economia petrolífera que tem se expandido cada vez mais, seu povo ainda sofre de intensos problemas com relação a secas, diante da mudança climática do mundo. Se sustenta com relação à água somente em alguns períodos do ano e 60% da população sofre com problemas de saneamento básico e doenças.

Ainda com seus problemas, o país sofre intensamente pelo incessante crescimento populacional, que assim como para muitas nações tem se tornado um fator para a falta de desenvolvimento e problemas com recursos naturais, além do aumento do consumismo.

Israel:

Israel é uma das potências do oriente médio que mais vem crescendo nos últimos anos, devido ao apoio que vem dado aos Estados Unidos e seu alinhamento ao eixo das potências decadentes. Tem como seu principal mineral de exportação o diamante, e além disso, exporta em grande quantidade petróleo refinado. Todo esse contexto faz com que o país se torne alvo de tentativas sem sucesso de ataques do Califado Sunita, visto que ainda assim é um “corpo estranho” dentro do Oriente Médio. A troca de favores com os Estados Unidos é fundamental para sua permanência como Estado judeu dentro do Oriente, o que faz com que sua política se volte no apoio a este. Apesar da prosperidade econômica, enfrenta crises de

abastecimento de água devido a desertificação de seu território, e é interessado em bacias hidrográficas africanas e americanas.

Japão:

O Japão se encontra como uma das nações mais desenvolvidas do mundo. O investimento estatal por anos no mercado e na indústria de tecnologias de ponta, bem como o desenvolvimento de uma economia mais sustentável e adequada ao contexto mundial de escassez que enfrentamos, fez do país um centro mundial de atração a investimentos. Sua população desfruta de uma ótima estabilidade e prosperidade social. O setor de energia nuclear e geotérmica muito bem utilizados no país e o de eletrônicos como softwares informacionais também são fatores que explicam seu desenvolvimento exponencial. Nesse contexto, o país é uma nação neutra no que diz respeito ao conflito, porém tem tendência em auxiliar as nações atacadas, principalmente na distribuição de armamentos e outros bens necessários.

Malásia:

A Malásia é um dos tigres asiáticos fundadores da OPCM que se uniu a alguns países tanto da América quanto da própria Ásia para acabar quão antes possível com a guerra. A nação se encontra com problemas de superpopulação e, em contrapartida, é alvo de disputas no contexto asiático por sua disponibilidade hídrica e de recursos naturais fora a grande utilização de petróleo existente. Todos esses fatores contribuem para as disputas e tentativas de invasão territorial feitas pela China ao país, e causam problemas à sua população e economia. Portanto, é grande o interesse pelo fim da guerra ao governo malaio a fim de garantir novamente sua prosperidade.

Nigéria:

A Nigéria é o segundo país com melhor economia na África sendo também o décimo sexto em jazidas de petróleo do mundo, o que o torna foco de invasões e pressões internacionais americanas e europeias. A exportação desse produto é sua maior fonte de renda, e a dependência econômica deste faz com que a nação ceda facilmente e se torne um dos principais territórios de exploração internacional. Dessa forma, seu território, também rico em recursos minerais, é alvo de diversas batalhas e enfrentamentos militares, se tornando um dos principais palcos do conflito. Ademais, o país ainda se encontra em condições sociais precárias, com baixa expectativa de vida, alta mortalidade e número alarmante de doenças, bem como a escassez de água potável em vista das péssimas condições de saneamento básico.

Reino Unido:

O Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte permanece como uma monarquia constitucional, e assim como a França, passa por graves problemas econômicos e sociais em sua esfera interna que o levaram a se aliar ao eixo das potências decadentes. A monarquia enfrenta um atraso tecnológico e uma queda na economia que teve consequências nas condições de vida da população. Fatores como água e comida também devem ser levados em conta como causadores de problemas na monarquia. Sendo assim, passou a adotar uma política intervencionista em suas antigas colônias na África, também sendo alvo de duras críticas por causa da exploração excessiva dessas regiões. No contexto do conflito, o país busca sua sobrevivência econômica e a melhora das condições de vida da sua população, e o conflito, apesar de necessário para seu restabelecimento, é um empecilho para os fins que busca.

República Democrática do Congo

A República Democrática do Congo é um dos países que mais sofrem com a exploração contínua exercida pelas potências europeias. O resquício colonial serviu como embasamento para as políticas imperialistas novamente realizadas sobre o país nos últimos tempos, em especial por nações como Bélgica, França e Itália. A

nação dispõe de uma abundância de recursos minerais - como ouro, diamante, cobalto e zinco - extremamente importantes, bem como um território vasto e disponibilidade de água potável a partir de seu principal rio, o Congo, que tem sua bacia hidrográfica como objeto de interesse e disputa internacional na questão hídrica mundial. Sofre muitos problemas como a falta de água para a população em determinadas áreas onde ainda existe uma pobreza significativa, além da mortalidade infantil, descontrole populacional, e a situação da fome, que foi agravada com o início do conflito.

Rússia:

A Rússia é uma grande potência que vê uma imensa importância no petróleo em vista de que 62% da exportação de seu país é baseado nas jazidas de petróleo. Porém, se encontra em contraposto da ideia da prática imperialista em busca de sanar suas necessidades. No país, não são encontrados problemas populacionais, porém passa por um cenário de crise hídrica, em vista da poluição de um de seus rios por conta das usinas nucleares presentes no território. A delegação russa não vê a necessidade de pressionar países menores diante do tema da exportação petrolífera, e representa um apoio ao eixo fundador da OPCM, tornando-se um de seus principais aliados no conflito, seja militarmente ou tecnologicamente.

Shell:

A Shell foi uma grande empresa até 2025, quando as reservas de petróleo mundiais começaram a se esgotar, e desde então tem aumentado consideravelmente seus preços de modo a se tornar hegemônica nesse mercado. Tem grande influência nos países exportadores e tem sido cobiçada por outras empresas que não são da área, porém necessitam de petróleo refinado. Atualmente, é uma das empresas mais ricas e somente alguns países continuam com seu abastecimento. É envolvida nos inúmeros de casos ligados a invasão de territórios para a extração de recursos, e

vem sendo investigada para saber mais sobre o tema que até então não tem confirmação.

Tem tentado explorar Camarões, Iêmen, Afeganistão, entre outros países que ainda obtêm matéria prima, sendo patrocinada por algumas nações consideradas potências decadentes. As investigações não podem dar a certeza, mas até então tudo indica que a empresa tem influências na degradação do continente africano.

Síria:

A Síria se encontra em uma preocupante situação em vista de não ter se recuperado totalmente dos desastres causados por sua recente guerra civil, o que faz com que o país esteja passando por uma grande falta de recursos e por crises tanto hidráulicas quanto populacionais. Essa fragilidade social fez com que nações imperialistas tivessem a oportunidade de invadi-los, e por conta da guerra o país não consegue se estabilizar. A OPCM busca ajudá-la com seus problemas e a nação vem aos poucos conseguindo o apoio do Califado Sunita e de outros, como forma de se estabilizar social e economicamente.

Tailândia:

A Tailândia é um dos principais aliados da Malásia - até mesmo no mercado de exportação e importação - e dos países da América Latina, pois é uma das fundadoras da OPCM. O país, como um dos novos tigres asiáticos, experimentou crescimento econômico exponencial nas últimas décadas, visto seu desenvolvimento tecnológico interno e a abundância de recursos naturais e humanos e representou um adversário à China, despertando suas políticas e ações militares imperialistas. Por conta da guerra, a Tailândia vem enfrentado muitos atentados por parte das potências decadentes, o que tem feito com que o governo ficasse cada vez mais alerta para conseguir manter sua população segura, e introduzisse novas políticas para mudar os rumos do conflito.

Turquia:

A Turquia, como uma grande exportadora do mercado automobilístico, não se desenvolveu tecnologicamente ao ponto de fazer frente à concorrência nesse mercado. Sendo assim, sua economia enfrentou expressiva queda, e seu governo observou nas potências decadentes uma forma de restabelecer sua economia e desenvolvimento. Por isso, é um polo de apoio norte-americano e chinês na região do Oriente Médio, sendo duramente criticada por seus vizinhos. Sua hidrografia tem sido um problema, já que a região a qual está localizada não há grandes índices de pluviosidade, e sua quantidade de fontes de água não é o bastante para suprir as necessidades da população. Ainda assim, o petróleo não tem grande influência em suas políticas externas, apesar de seu uso interno.

Venezuela:

A Venezuela é país chave para o entendimento do conflito. A nação é detentora de grandes reservas petróleo, um combustível já ultrapassado, mas que ainda é primordial aos países que não desenvolveram sua tecnologia de ponta, como no caso das potências decadentes. Sendo assim, com o fim de sua instabilidade política, essa matéria-prima possibilitou o desenvolvimento econômico do país a partir dos anos 2000, e tornou a nação a maior exportadora desse produto às potências decadentes. O país foi o primeiro a sofrer com as ofensivas americanas, e juntamente com nações da América do Sul, declarou guerra aos interesses imperialistas do país. Suas bases de produção e exportação, bem como portos, são muito concorridos e alvo frequente de ataques estrangeiros. É mister entendermos como o governo do país pode contribuir para o fim do conflito, pois a nação vem sofrendo internamente com os problemas atrelados aos embates, como desabastecimento, crescimento da mortalidade infantil, e diminuição da expectativa de vida.

6. Conclusão

Chegamos ao momento tão esperado e desejoso. Durante todo esse guia, demonstramos aos senhores de que modo o conflito se desenrolou: o descontrole capitalista que aliado ao não desenvolvimento tecnológico sustentável dos países e também claro, a ganância humana em suprir suas necessidades econômicas. Também deixamos claro as consequências desses atos: a investida imperialista de antigas potências que não se adequaram ao modelo de desenvolvimento do futuro, o esfacelamento da ONU - o principal órgão de harmonização geopolítica mundial -, o estopim e o início do conflito armado entre países detentores e não detentores de recursos, a criação da OPCM e a deterioração das condições de vida das populações pelo mundo. E agora, ansiamos em busca de soluções para esse conflito que se arrasta pelos últimos 8 anos. Destacamos a importância de os senhores entenderem os fatos resumidos acima. A informação a respeito deles lhes dará o suporte essencial para propor soluções pertinentes às políticas de cada nação e aos anseios da população mundial. Sendo assim, esse documento é peça chave aos senhores, e esperamos que todas as representações estejam preparadas para debater de modo assíduo o conflito. Afinal, o futuro do planeta e do progresso de nossa raça está em nossas mãos.

7. Referências

Perspectiva de produção mundial de petróleo. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-6-Producao-mundial-de-petroleo-iea-2006_fig4_273773356. Acesso em: 03 mai.2019.

Fontes alternativas de energia. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/fontes-alternativas-energia.htm>. Acesso em: 03 mai.2019.

Carta das Nações Unidas. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/carta/>. Acesso em 03 mai.2019.

Lista de países por reservas de petróleo. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2015/07/os-10-paises-com-maiores-reservas-de-petroleo.html>. Acesso em: 03 mai.2019.

Quanto tempo vai durar o petróleo mundial? Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quanto-tempo-vai-durar-o-petroleo-no-mundo/>. Acesso em: 03 mai.2019.

Petróleo no Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/08/ciencia/1510164222_095237.html. Acesso em: 03 mai.2019.

Definições de Utopia e Distopia. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/filosofia-o-que-significa-utopia-e-distopia.htm>. Acesso em: 03 mai.2019.

Utopias e distopias do futuro. Disponível em:
https://www.huffpostbrasil.com/2018/11/11/5-utopias-e-5-distopias-para-se-preparar-para-o-futuro_a_23577233/. Acesso em 03 mai.2019.

Distopia num futuro próximo. Disponível em:
<https://www.valor.com.br/cultura/5839259/distopia-em-um-futuro-proximo>. Acesso em: 03 mai.2019.

O futuro segunda a ficção científica. Disponível em:
<https://www.omelete.com.br/filmes/o-futuro-da-humanidade-segundo-ficcao-cientifica-parte-2-distopia>. Acesso em:

Distopias da realidade. Disponível em:
<http://bravo.vc/s0-incertitude/e2-distopia-realidade/>. Acesso em: 03 mai.2019.

Distopias presentes, passadas e futuras. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/soc/v20n49/1807-0337-soc-20-49-368.pdf>. Acesso em: 03 mai.2019.

Tecnologias do futuro. Disponível em:
<https://engenhariae.com.br/editorial/colunas/15-maneiras-futuristas-que-poderao-melhorar-humanidade>. Acesso em: 03 mai.2019.

Tecnologias do futuro. Disponível em:
<https://canaltech.com.br/curiosidades/17-tecnologias-que-veremos-no-futuro-e-mudara-o-jeito-como-vemos-as-coisas-72643/>. Acesso em: 03 mai.2019.

Tecnologias do futuro. Disponível em:
<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI299116-17770,00-INVENCÕES+FUTURISTAS+QUE+ESTÃO+SENDO+CONSTRUIDAS+AGORA.html>. Acesso em: 03 mai.2019.

FIM